

## EDUCAÇÃO APÓS-AUSCHWITZ<sup>1</sup> REVISITADA EM TEMPOS DE PANDEMIA

POST-AUSCHWITZ EDUCATION REVISITED IN TIMES OF PANDEMICS

Anete Abramowicz<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo intitulado: *Educação após-Auschwitz, revisitada em tempos de pandemia* constituiu-se em aula sobre Educação após-Auschwitz ofertada pela linha de pesquisa denominada: *Educação, Cultura e Subjetividade* do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, realizada em meio à pandemia, como aula aberta em um curso que denominamos: *Brasil, Brasís e a Educação, o que a Educação nos revela*. Neste artigo retomamos a questão judaica, na perspectiva do debate sobre racismo mostrando as diferentes facetas que ele se expressa em situações limites como no campo de concentração e na escravidão, por exemplo. A partir de uma perspectiva “pessoal”, oral e de memórias retomo o tema como constitutivo de processos de subjetivação coletivos e individuais. O objetivo do artigo é mostrar a maneira pela qual o fascismo se espalha no tecido social e aponta para a importância de uma Educação Infantil pós-pandemia na chave da diferença.

**Palavras-chave:** Fascismo; Infância; Mundo Possível.

**ABSTRACT:** This article entitled: *Education after Auschwitz, revisited in times of pandemic* was constituted in a class on Education after Auschwitz offered by the line of research called: *Education, Culture and Subjectivity of the Graduate Program in Education of the Federal University of São Carlos*, held in the midst of the pandemic, as an open class in a course we call: *Brazil, Brazils and Education, what Education reveals*. In this article we return to the Jewish question, from the perspective of the debate on racism showing the different facets that it expresses in limit situations such as in the concentration camp and in slavery, for example. From a “personal”, oral and memory perspective, I return to the theme as constitutive of collective and individual processes of subjectivation. The aim of the article is to show the way in which fascism spreads in the social fabric and points to the importance of a post-pandemic Early Childhood Education in the key to difference.

**Keywords:** Fascism; Childhood; Possible World.

Este artigo constitui-se em aula que foi ofertada pela linha de pesquisa denominada: *Educação, Cultura e Subjetividade* do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, realizada em meio à pandemia,

1 Auschwitz foi uma rede de campos de concentração localizados no sul da polônia: consistindo de Auschwitz I (Stammlager, campo principal e centro administrativo do complexo); Auschwitz II–Birkenau (campo de extermínio), Auschwitz III–Monowitz, e mais 45 campos satélites. Birkeneau foi o campo designado para a “solução final” que significa matar todos os judeus. Morreram nestes campos aproximadamente 1,3 milhões de pessoas, 90% judeus e metade são mulheres. Morreram também, 150 mil poloneses, 23 mil ciganos, 15 mil prisioneiros de guerra soviéticos, cerca de 400 Testemunhas de Jeová e dezenas de milhares de pessoas de diversas nacionalidades. Aqueles que não eram executados nas câmaras de gás morriam de fome, doenças infecciosas, trabalhos forçados, execuções individuais ou experiências médicas. Ao todo morreram 5,9 milhões de judeus, sendo aproximadamente 1 milhão de crianças. Quando uma criança chegava em Auschwitz era morta praticamente no mesmo instante.

2 Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Professora Titular Sênior da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGÉ/UFSCar. Integrante da Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividade. [aneteabramo@gmail.com]

como aula aberta em um curso que denominamos: *Brazil, Brasis e a Educação, o que a Educação nos revela*. Neste formato nos dividimos em quatro temas, no qual participei da aula intitulada: Educação após-Auschwitz, o que a educação nos revela? Esta aula foi dada por mim, pelos professores Luiz Roberto Gomes e Antônio Álvaro Zuin. Neste artigo decidi deixar o tom oral, tentando seguir o ritmo falado de uma aula. Abaixo o que seguiu a aula:

Pela primeira vez depois de 23 anos de UFSCar me ofereci para partilhar esta aula com os professores especialistas na escola de Frankfurt, e em Theodor L. Adorno particularmente. Nunca até então tinha me proposto a compartilhar a aula com os docentes sobre a Escola de Frankfurt, nem mesmo este pequeno texto de Adorno, o qual fez parte de minha vida: Educação após-Auschwitz. Afinal, a pós-graduação é para os especialistas, nada de emoções, e de “eu sinto”. Mas a pandemia nos impôs uma urgência na vida. A morte nos espreitava e não sabíamos se teríamos o dia seguinte. E desta forma, decidi, resolvi falar, ou melhor, contar sobre isto: os campos de concentração.

A questão judaica evidente me acompanha como judia e na UFSCar teria 2 ou 3 docentes judeus (manterei aqui o masculino, pois as religiões impõe às mulheres a subalternidade, e se me meti a falar disto, tem que aguentar), que só nos aproximamos quando a UFSCar votou pela política afirmativa, onde votamos a favor, pela experiência social que partilhávamos do racismo. Ainda sobre o masculino das religiões, há uma pergunta que percorreu minha infância, o que é ser judeu? Sempre no masculino. Há uma dentre as muitas rezas judaicas que diz: “obrigada Deus por não ter nascido mulher”. Demorei muitos anos para entender a interpretação desta reza. Continuando no Adorno, os professores especialistas toparam que eu falasse do meu jeito sobre o texto e eles, com o rigor que a política científica impõe. Mas logo uma questão se colocou para mim, como falar a partir mesmo da minha experiência social, sem fazer obviamente uma análise a céu aberto? Então vamos lá, espero que dê certo.

Quando entrei no Programa de Pós Graduação em Educação havia duas áreas. Uma denominada de Fundamentos da Educação e a outra Metodologia de Ensino, as duas eram consolidadas e hegemônicas no programa e seguiam rigorosamente um determinado referencial teórico. A ME era centrada na formação de professores com a epistemologia dos pensadores de língua inglesa: Kennet Zeichner, Donald Schön, Lee Schulman, prioritariamente, fora os brasileiros/as que não conheço exatamente a bibliografia desta linha, e a linha de FE era centrada em uma determinada leitura Gramsciana de Marx. Com muita luta conseguimos produzir uma rasura epistemológica nesta estrutura teórica duríssima. E a nossa linha foi formada, de um lado, sobre uma analítica que tinha como substrato Nietzsche que precisou se aliar com a escola de Frankfurt para poder romper com estas epistemologias. Minhas pesquisas sempre se aliaram ao tema da diferença, então, com o andar da linha eu nunca tive a oportunidade de falar de Auschwitz já que a escola de Frankfurt é marxista, marxista cultural e dialética e eu trabalho, entre outros, com o autor mais anti-hegeliano da história do pensamento ocidental, e deste modo não dialético, já que Gilles Deleuze levou a diferença, podemos dizer ao último patamar. Então, nunca nos juntamos para dar esta aula. E ademais uma pequena provocação: eu sempre gostei mais de Walter Benjamin, que acho exuberante – e um episódio minúsculo “me aborreceu” entre Adorno e Horkheimer e Benjamin que deixaram de publicar o

texto de Benjamin: *Paris do Segundo Império em Baudelaire* na revista do Instituto de Pesquisa Social, depois Benjamin muda o texto etc. Como afirmei no princípio do artigo irei manter este tom totalmente antiacadêmico, dizendo de antipatias teóricas sem nenhuma cientificidade, que me perdoem as polícias discursivas.

Quando a linha se forma, eu trabalho com a temática da raça, eu e a Prof. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva que dava a base epistemológica para a linha denominada de *Práticas sociais e processos educativos*, que era a fenomenologia, trabalhava raça, na chave “essencialista”, um pouco identitária, e eu, na chave da diferença. É também na chave da diferença que fiz minha pesquisa sobre a *Menina Repetente* (Abramowicz, 1994), e não sob a chave teórica de gênero. Deste modo, raça era trabalhado sob duas perspectivas, quando a professora Petronilha sai do PPGE, este debate desaparece daquela linha e a linha Educação, Cultura e Subjetividade assume o debate racial (talvez de algum modo a chave da diferença produziu e gestou continuidade). Agora a linha de pesquisa tem o tema da raça em sua estrutura e especialistas sobre relações étnico-raciais que revolucionou o PPGE e as epistemologias centradas na branquitude. Há que se dizer toda a epistemologia grega na qual se assenta a epistemologia científica centrada na razão, é ocidental e branca. Safatle nos fala disto também na 1ª pessoa:

Demorou muito tempo até que eu fosse capaz de perceber o quanto essa pretensa especificidade da filosofia no ocidente era um dos mais brutais dispositivos coloniais já inventados, era o núcleo de um dos mais resilientes processos identitários que conhecemos. Pois, se a Europa com sua matriz grega era um mar de filosofia cercada de mito por todos os lados, então qual destino teríamos todos a não ser querermos nos tornar “bons europeus” e abraçar os processos de “modernização” que começaram em seu solo, a nos abirmos à “maturidade” de sua forma de vida? Outras formas de pensamento poderiam nos oferecer belos mitos, ensinamentos morais edificantes, mas muito pouco a respeito de processos concretos de emancipação e interação racional com o mundo.

Ainda antes de prosseguir há que se dizer que o campo da formação de professores faz um apagamento brutal das professoras negras que nesta última década, graças a entrada das disciplinas relacionadas às relações étnico-raciais vêm propondo uma fissura neste campo também. Há ainda que destacar:

Quando Hegel construía sua dialética, como nos mostra Susan Buck-Morss (2011) na obra *Hegel e o Haiti*, ele cometia uma discrepância gritante entre pensamento e prática, pois sabia da guerra dos escravos do Haiti, a maior revolução libertária da modernidade e ignorou, preferiu construir um escravo abstrato e na história ocidental estudamos a revolução francesa e desprezamos a revolução do Haiti, que de fato é a 1ª revolução moderna e libertária, e a dialética senhor x escravo nada nos disse sobre o movimento de libertação dos escravos do Haiti. Nas faculdades de Educação, em algumas delas, quando se estuda Paulo Freire falamos do oprimido na chave hegeliana e do seu humanismo cristão, mas o oprimido de Paulo Freire não é outro senão aquele retratado no livro *Os condenados da terra* do Frantz Fanon (1999), a chave proposta por Freire para a leitura do oprimido (ABRAMOWICZ, 2020).

Mas, também nunca falei sobre a questão judaica e da experiência de Auschwitz, porque é difícil falar deste tema na chave da diferença, já que faz parte da minha identidade a questão do Holocausto, e quebrar a identidade não é mesmo um dos

processos mais simples. Minha infância foi marcada pelo holocausto e pela ditadura militar. Acho que por isto trabalho com infância, pois foi uma infância horrorosa a que vivi. Então está posto o desafio tratar da questão judaica e diferir-se. Esta questão da diferença é central, na concepção marxista há algo, uma certa transcendência na qual eles acreditam que de alguma maneira esta esfera do indivíduo “quita” com algumas coisas e responde a outras que é a consciência – seja a consciência em si ou a para si, há sempre uma aposta nela. Vejam Demerval Saviani e sua pedagogia que aposta tudo no ensino dos saberes acumulados pela humanidade (são estes saberes que desterraram todos os outros saberes: menores, os saberes dos povos sem estado e sem medo, das bruxas, das mulheres etc.) para que as crianças pobres possam disputar com as crianças ricas. Ou seja, esta matriz da consciência não serve para tratar da questão do racismo, porque ninguém em santa consciência quer ser racista. Para lidar com os racismos há que se diferir, de si próprio, pois a nossa construção como sujeitos, o nosso processo de subjetivação – como uma dobra do fora, como uma força sobre si mesmo, se dá de maneira racializada. Assim como há uma subjetividade neoliberal (que é aquela do empreendedor de si mesmo, sem padrões, uma espécie de senhor/escravo de si mesmo), a subjetividade fascista (nacionalismo, xenofobia, homofobia, ódio às diferenças), subjetividade racista (racismo, antissemitismo etc.) espalhada pela tessitura social e nas engenharias sociais como a escola, a família, etc. que são a base e a condição necessária para as ordens totalitárias.

O argumento que quero defender é se não há esta subjetividade seja fascista, seja racista subjetivada nos sujeitos e espalhadas no tecido social, não há totalitarismo. O totalitarismo de alguma maneira “centraliza” na macropolítica, o que está difundido na micropolítica. E o que sempre me intrigou foi, como uma sociedade tão culturalmente letrada como a Alemanha foi capaz de produzir um estado mortífero neste grau de ocorrência na qual dominou toda a Europa? Minha família foi morta parte dela na Bessarábia que fica entre a Moldávia e a Ucrânia na Europa oriental e parte na Polônia (vieram de muito longe mesmo, isto também me impressionava), onde quase todos os judeus morreram. Minha questão era como eles sabiam onde e quem eram os judeus? Porque mataram quase todos? Dos mais de três milhões de judeus polacos que caíram nas mãos dos nazistas, só sobreviveram cerca de 3%. Uma loucura. Como chegaram a cada um deles? Era este um pensamento infantil, do tipo, será que eles vão saber que eu era Judia? O terror sempre habitou minha infância, além de que na escola judaica em que estudava, alguns pais de meus amigos/as eram perseguidos pela ditadura militar. O horror! Meu pai para me “acalmar” dizia enquanto eu lutava para sair desta identidade que me aprisionava: “não importa o que você faça, sempre saberão e te dirão que você é judia”. Que desespero uma identidade que não se consegue escapar!

Mais um parêntese. Com ascensão do bolsonarismo todas estas questões se renovam, todos os autores que diagnosticavam o holocausto se atualizam, e cá estou de volta com tudo isto. Quando acordamos do golpe do impeachment dado contra a presidenta Dilma em 2016, percebemos e nos demos conta em 2018 com a eleição do Bolsonaro que uma ordem totalitária de tipo fascista estava espalhada no tecido social brasileiro em todos os lugares: em nossas famílias, em nossos bairros, entre nossos estudantes, na elite econômica e política brasileira, e não só. Eu me perguntava tal quando era criança como estes adoradores da tortura, da negação

da ciência, do amor às armas, da tortura das milícias, estes que odeiam os negros indígenas etc., odeiam os judeus mesmo que a bandeira de Israel apareça em seus protestos, onde eles estavam que não víamos e como este repertório necropolítico, como tão bem diagnosticou Mbembe ascende no Brasil? Se não temos um diagnóstico do presente estamos submetidos aos processos de subjetivação hegemônicos ou nossa subjetividade é colonizada pouco a pouco ou pelo novo coronavírus ou pelo niilismo ou pela depressão, ou a vida fica refém da morte, como disse Bataille. Temos que entender este presente. E como professores/as cuja matéria prima de nossa atividade é o pensamento é tudo o que temos, não há escapatória para entender o presente senão estudar e estudar se é que queremos ensinar algo de relevante aos estudantes para que consigam o conceito que necessitam para uma vida não fascista. Então, como os fascismos se espriam e como tomar uma questão pessoal, e diferir-se. A questão é o que muda uma vida? Durante a pandemia li, vi e senti muitas coisas, mas indico que vi um debate muito interessante sobre o livro do Peter Slortedijk: *Você precisa mudar sua vida*<sup>3</sup>, entre o filósofo Peter Pál Pelbart e Juliano Garcia Pessanha. O argumento que eles levantavam era: “Se Deus está morto na chave nietszcheana, o que o substitui?”; “O que substitui o Sublime?” Uma catástrofe global, responde ele, é o que nos impõe: você tem que mudar sua vida e sua vida é entrelaçada com outros, lutaram tanto por fronteiras, estado, nação etc., e a fronteira não adianta de nada. O que faz o fascismo?”. Mas ainda no interior deste pensamento a ideia mais original era de que a catástrofe de nossas vidas, é que continuemos na banalidade (nos termos de Arendt) do nosso cotidiano. “Que `as coisas continuem assim´ - eis a catástrofe, lembra Benjamim” (in PELBART, 2020). Precisamos de uma máscara cognitiva para nos opor a esta catástrofe que é o chamado “mundo normal”.

Eu quero retomar o livro de Arendt (cuja aula foi dada pela professora Sandra Riscal) fazendo dois comentários, uma leitura geral do que é o livro, e uma leitura pessoal e secundária. Ali no julgamento de Eichman há algo incrível, o monstro o cara responsável pela logística das deportações do holocausto, o burocrata, era um homem comum. O mais comum e banal dos homens: o nosso porteiro, o taxista, a cabelereira, o diretor da escola, o nosso primo. O mais comum dos homens e um funcionário público e fazia o que fazia, pois seria crime se não o fizesse, pois o funcionário público é regido pela ordem do Estado, e o estado lhe atribuiu tal função na qual ele executava com maestria, até seu julgamento, ele não sabia bem qual era o seu crime. Executava. Ele e a sociedade nazista atendiam aos apelos de seu chefe, não só porque o temiam, mas porque o adoravam, não o temiam o amavam. O nazismo operou como operou não porque as pessoas tinham medo, nada, fizeram o que fizeram porque assim o desejavam. Desejavam oferecer seus préstimos ao estado totalitário por desejo e não por repressão. Há um trecho de um dos livros mais incríveis que li, pois um bom livro é aquele que te dá uma pancada, se o livro não faz isto, ele não serve. O Kafka falou algo maravilhoso: “Um livro deve ser o machado que quebra o mar gelado em nós.” Se não fizer isto não serve. Mil Platôs um dos livros mais magníficos e ele afirma que o desejo deseja a sua opressão vejam, é um pouco longo, mas vale a pena:

O conceito de Estado totalitário só vale para uma escala macropolítica, para uma segmentaridade dura e para um modo especial de totalização e centraliza-

3 700 páginas, o volume *Du musst dein Leben ändern* (*Você precisa mudar sua vida*).

ção. Mas o fascismo é inseparável de focos moleculares, que pululam e saltam de um ponto a outro, em interação, antes de ressoarem todos juntos no Estado nacional socialista. Fascismo rural e fascismo de cidade ou de bairro, fascismo jovem e fascismo ex-combatente, fascismo de esquerda e de direita, de casal, de família, de escola ou de repartição: cada fascismo se define por um buraco negro, que vale por si mesmo e comunica com os outros, antes de ressoar num grande buraco negro central generalizado. (...) Mesmo quando o estado nacional-socialista se instala, ele tem necessidade da persistência destes microfascismos que lhe dão meio de ação incomparável sobre 'as massas'. Daniel Guérin tem razão em dizer que se Hitler conquistou o poder mais do que o Estado Maior Alemão, foi porque dispunha em primeiro lugar de microorganizações que lhe davam 'um meio incomparável, insubstituível, de penetrar em todas as células da sociedade', segmentaridade maleável e molecular, fluxos capazes de banhar cada gênero de células. (...) É uma potência micropolítica ou molecular que torna o fascismo tão perigoso, porque é um movimento de massa: um corpo canceroso mais do que um organismo totalitário. (...) Não há senão o microfascismo para dar uma resposta à questão global: por que o desejo deseja sua própria repressão? (...) É muito fácil ser antifascista no nível molar, sem ver o fascista que nós mesmo somos, que entretemos e nutrimos, que estimamos com moléculas pessoais e coletivas (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p.93).

Voltando para Arendt, a banalidade do mal é o cara comum. Mas o que me impressionou na Arendt como judia que foi um soco no estômago e depois vi que ela foi massacrada pelos judeus é quando ela diz:

(...) mas a verdade integral é que existiam organizações comunitárias judaicas e organizações recreativas e assistenciais tanto em nível local como em nível internacional. Onde quer que vivessem judeus havia líderes reconhecidos, e esta liderança quase sem exceção, cooperou com os nazistas de uma forma ou de outra, por uma razão ou outra (ARENDDT, 1999, p.141).

Isto foi uma pancada, você está lendo e o livro te derruba, uma diferença se instaura. Farei aqui outro parêntese, esta mesma sensação e no mesmo lugar senti recentemente lendo os livros de Achille Mbembe (2018), quando ele diz que a biopolítica que vai operar no holocausto tinha começado na escravidão, cujas mortes nunca serviram a tanto luto quanto no genocídio judeu e branco, no enlutamento da morte há racismo, nada se lê na escola europeia sobre este ensaio biopolítico que foi a escravidão. Há racismo na morte. Que Judith Butler (2005) vai dizer quais vidas podem ter suas mortes choradas e não choradas? E do luto diferenciado.

Outra pergunta que ficava porque os judeus faziam filas para ir para a câmara de gás, pois tinham esperanças, vocês conhecem alguma paixão mais triste do que a esperança se perguntava Nietzsche? A esperança não serve para nada! Apesar de que Zygmunt Bauman, em *Modernidade e Holocausto*, contesta a afirmação de Hannah Arendt, de que se não fosse a cooperação dos Judenräte, o número total de mortos teria sido significativamente menor do que efetivamente foi. Para Bauman, o severo julgamento de Arendt, não se sustenta porque, apesar da ampla cooperação das lideranças judaicas, o resultado final acabava sendo sempre o mesmo: o extermínio quase total das comunidades e de seus líderes. Como diz Hannah Arendt, "Não existem paralelos à vida nos campos de concentração. Seu horror não pode ser inteiramente alcançado pela imaginação, justamente por situar-se fora da vida e da morte". Em razão de seus ocupantes serem desprovidos de status político e

reduzidos a seus corpos biológicos, o campo é, para Giorgio Agamben (2007), “o lugar onde a mais absoluta *conditio inhumana* se realizou na Terra”.

Há um debate incrível entre Adorno e Primo Levi, Adorno diz: “Escrever um poema após Auschwitz seria um ato de barbárie, ao que diz Levi só pode ter poesia após Auschwitz, é o debate sobre o limite da linguagem”.

Enfim para terminar, retomo Primo Levi (1988), sobrevivente do campo:

Nós, sobreviventes, somos uma minoria anômala, além de exígua: somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, não tocamos o fundo. Quem o fez quem fitou a Górgona, não voltou para contar, ou voltou mudo: mas são eles, os ‘muçulmanos’, os que submergiram – são eles as testemunhas integrais, cujo depoimento teria significado geral.

A Górgona é uma criatura da mitologia grega, representada como um monstro feroz, de aspecto feminino e com grandes presas. Tinha o poder de transformar todos que olhassem para ela em pedra.

E minha avó contava sua história o que mais me impressionava é que ela perdeu praticamente toda a sua família, e contava sem vitimismo, sem melancolia ou luto, contava porque assim impunha às novas gerações uma luta cotidiana e sem precedentes, a luta pelo direito a vida em quaisquer circunstâncias, a luta pelo direito às diferenças e a luta por uma vida não fascista. Esta é a obrigação ética de todas as gerações.

O fascismo opera porque as pessoas o desejam, o fascismo opera porque as pessoas querem o fascismo, e não basta ser não fascista a nível molar e preciso sê-lo na sua mais íntima vida, não basta uma educação antifascista, ou após-Auschwitz se não diferirmos de nós mesmos, se não operamos em nós mesmos, de maneira geral. Adorno fala da educação da infância como uma espécie de antídoto contra a barbárie, o problema é que as crianças não aprendem o que dizemos a ela, elas aprendem o que fazemos, como se tivessem uma ligação com nosso desejo. Ou, como explicamos que as crianças com dois anos já operam racialmente.

A Educação sempre se inicia na Educação Infantil, é aqui que as iniciações sociais operam. Adorno escreve no texto Educação após-Auschwitz:

Quando falamos de educação após Auschwitz, refiro-me a duas questões: primeiro, à educação infantil, sobretudo na primeira infância; e, além disto, ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição; portanto, um clima em que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes. Evidentemente não tenho a pretensão de sequer esboçar o projeto de uma educação nesses termos.

Se haverá uma educação após-pandemia é na Educação Infantil que ela deverá começar. Significa dizer que há uma infância possível que se abre neste mundo a construir, outra infância, pois a infância é o outro do mundo, um mundo possível, que não sabemos qual é, uma diferença. Nestes tempos se anunciou uma infância social como o embrião de outros mundos na direção de novos/outros afetos e de vidas, mais solidários, mas comprometidos com o bem comum, pois aprendemos com o vírus que não há vida individual que não esteja imediatamente implicada no coletivo.

A seguir trechos do relato de Chialé Kramer (pai de Sonia Kramer) Escravo de 1939 a 1945, dos 14 aos 20 anos de idade, esteve em Buna, Oranienburg, Flossenbürg, Belzec, Auschwitz. Número no braço B5.000. Depoimento maravilhoso em artigo:

Nesta época já se falava em Auschwitz, em polonês Oswiecim. E ninguém acreditava. Falavam que era o lugar em que colocavam pessoas na câmara de gás e depois queimavam os corpos. Mas ninguém acreditava, não entrava na nossa cabeça. Agora, depois de tantos anos, todos já se acostumaram com isso, que bateram, mataram e colocaram nas câmaras de gás. Mas no começo, ninguém acreditava. Como é que poderiam matar tantas pessoas por nada?

Quando chegaram a Auschwitz, o trem ficou parado a noite toda, e eles no trem. Foram alojados no campo, no lugar de dois mil ciganos levados para o crematório. Número no braço B5.000. Assinaram papéis se declarando comunistas.

“eu nem sabia o que era comunista naquela época... E deram o uniforme listrado. (...) Assinamos muitos papéis. Não sei por que para sermos mortos precisávamos assinar tantos papéis”, comenta com crítica e ironia fina. Campo de ciganos, arame farpado, nosso barraco, “Em que se trabalha aqui?”. Aqui ninguém trabalha; aqui se morre queimado. A gente pensava que ele estava louco, que estava há muito tempo lá e enlouqueceu. “Como não se trabalha aqui?”. “Não estão sentindo cheiro?”, respondeu. “Está maluco?”, perguntei. Infelizmente, logo depois, a gente soube que era crematório mesmo” (KRAMER, 2014, p. 39).

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, A. *A menina repetente*. Campinas: Papirus, 1994, 4ª edição.
- ABRAMOWICZ, A. Crianças e guerras: as balas perdidas! *Childhood & Philosophy*. Vol. 16, 2020.
- AGAMBEN, G. *Estado de exceção*. Trad. Iraci D. Poleti. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ADORNO, T. *Educação após-Auschwitz*. (PDF)
- ARENDT, H. *Eichman em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BAUMAN, Z. *Modernidade e holocausto*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1998.
- BUCK-MORSS, S. Hegel e Haiti. Novos estud. *CEBRAP*, São Paulo, n. 90, p. 131-171, julho de 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002011000200010&lng=en&nrm=i](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002011000200010&lng=en&nrm=i)>. Acesso em 08 fev. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002011000200010>.
- BUTLER, J. *La vie précaire*. Paris: Éditions Amsterdam, 1988.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia, Vol.3*. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- FANON, F. (1979). *Os condenados da terra*. 1º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- KRAMER, S. Resistir, sobreviver e viver para contar o holocausto. In: *Escrita de si, resistência e empoderamento*. Org: Elizeu Clementino de Souza et alii. 1ª ed. Curitiba, PR, CRV, 2014.
- LEVI, P. *É isto um homem?* São Paulo: Editora Rocco, 1988.
- MBEMBE, A. *A crítica da razão negra*. São Paulo, N-1 edições, 2018.
- MBEMBE, A. Necropolítica. *Arte & Ensaios* | revista do ppgav/eba/ufrrj | n. 32 | dezembro 2016.
- SAFATLE, V. *Identitarismo branco*. <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-09-04/identitarismo-branco.html?>
- SLOTERDIJK, P. *Has de cambiar tu vida. Sobre antropotécnica*. Espanha: Pre-Textos, 2013.
- PELBART, P. Espectros da Catástrofe. São Paulo: *N-1 textos Pandemia*. <https://n-1edicoes.org/textos-1, 2020>.